



A via da dor

O martírio
de Cristo em
14 poemas

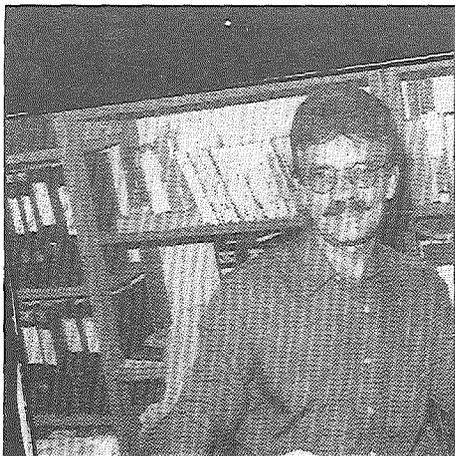
Nesta edição

- 2 — **Opinião**
Editorial
- 3 — **Entrevista**
Victor Alegria
- 4 — **Pedras de Minas**
Agenor Gonzaga dos Santos
- 5 — **Modernismo — Cabo Verde**
C. Nunes
- 6 — **Modernismo — Cabo Verde**
C. Nunes
- 7 — **Transfinito**
R. de Melo Souza
- 8 — **Transfinito**
R. de Melo Souza
- 9 — **Transfinito**
R. de Melo Souza
- 10 — **Movimento Verde**
Ronaldo Cagiano
- 11 — **Movimento Verde**
Ronaldo Cagiano
- 12 — **Via Dolorosa**
Eno Teodoro Wanke

- 13 — **Via Dolorosa**
Eno Teodoro Wanke
- 14 — **Grande Otelô**
J. Antonio
- 15 — **Paranoá**
Valter Pedrosa
- 16 — **Paranoá**
Valter Pedrosa
- 17 — **Artigo**
Jason Tércio
- 18 — **Artigo**
Jason Tércio
- 19 — **Poesia Visual**
Vários
- 20 — **Poesia**
Vários
- 21 — **Poesia**
Vários
- 22 — **Poesia**
Vários
- 23 — **Cartas**
- 24 — **Parque de Los Poeta**

□ Agenor Gonçalves

PEDRAS DE MINAS



Wilson Pereira, o autor

Pela etérea palhada dos meus sonhos
os bois azuis repastam brisa e luar
e suas leves ancas tecem danças
entre as finas e brancas sedas do ar.

Os longos chifres luzem nos relumbres
do orvalho que se move devagar
e dos úmidos olhos vagam-lumes
para o alto, para o além, o algum lugar.

A efêmera manada então descansa
e nas palhas da noite se desmama
a rarefeita sede de sonhar.

Aos poucos a manhã azul se impõe
e encobre a aura, e luz, e espanta o sonho:
meus bois azuis refluem no luar.

O que eu tenho de Minas
em mim é este sonho de subir
montanhas e garimpar estrelas.

O primeiro traço temático que se nota no livro do poeta Wilson Pereira é o do retorno à infância, a eterna pátria do menino que não morre nunca, um menino sem fim. São poemas onde a infância brota tão pura como as águas do riacho que, sobre pedras claras, ainda canta sua toada, seu chiado barulhinho de coisa inocente; são poemas em que os olhos da meninice espiam na sombra o vôo estrelado dos pombos dos beirais, o bovino ruminar dos animais do campo, a mansa cor da vegetação azul; poemas em que o adulto, fechado momentaneamente para o mundo, debruça-se para o fundo de si e se descobre ao mesmo tempo paradoxal e impreterito; poemas em que o poeta está em movimento constante, porque, embora sendo um, é, no seu próprio dizer, "ambos", "um para o futuro/ o outro para o passado".

O segundo traço do livro beira o filosófico. São textos com a deliciosa irreverência de "Imagem", com o transbordante carinho de "Às vezes", com a jocosa ternura de "Arte", ou com a comovente simplicidade de "Deus esteja nesta casa", cujo aspecto gráfico é um achado de poesia visual. Um bom exemplo dessa poesia de reflexão sobre o estar-no-mundo encontra-se em "Nada".

Nada fomos/ nada seremos/ só o pó/ do que somos// e esses gomos/ de venenos// que destilamos/ por pouco nada/ ou menos?

O terceiro traço é o da consciência do homem que observa o seu irmão nas ruas do mundo,

na luta pela sobrevivência. Aqui o poeta vê o desvalido e o pobre, um peão com sua marmita (**Peão**), um menino catador de lixo (**Cena**), como também vê o rico, "alguém que é o que tem", alguém que "não devia morrer" (**Castigo**), para saber que "é de terra, muita terra mesmo, que ele precisa/ para preencher-se". (**Identidade**)

Mas há um quarto traço marcante, onde Wilson Pereira retoma a preocupação com aquilo que Autran Dourado chamou de "matéria de Carpintaria" ou João Cabral de Melo Neto denominou "Psicologia da Composição": o fazer poético, em que, nas palavras do autor "o poema está no ar/ com seu halo de poesia" ou "é jogo de montar/ a esmo", onde o "leitor, co-autor/ tem de buscar as peças/ em si mesmo".

O poeta agora é o operário do texto, refletindo sobre o poder e a mágica da própria palavra ou encantando-se pela mágica palavra de outros autores, em evidente metalinguagem e intertextualidade. A consciência de que a poesia é mais do que uma estrada de ida, por ser uma troca, faz o poeta refinar a sua arte, a fim de que a sensibilidade do leitor seja parceira da sensibilidade do escritor. Esse pormenor — que considero uma bela evolução da poesia de Wilson Pereira — tem seu desenho mais forte no uso de rimas em praticamente todo o livro. Já em **Menino sem fim** o poeta abandonava os puros exercícios concretistas do primeiro livro, **Escavações no Tempo**, e assumia uma postura mais (diríamos) discursiva, embora contida como sempre. Neste **Pedras de Minas**, como Cas-

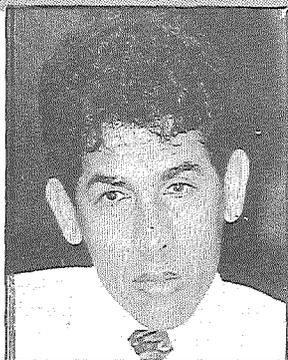
siano Ricardo de Jeremias - sem chorar e de **Os Sobreviventes**, o poeta Wilson descobre que a rima embeleza e realça, fluidifica e musicaliza o estrato fônico.

O quinto aspecto do livro é o do amor: amor do adulto pelo menino, amor do homem pela mulher, amor do... exilado por sua terra. São, na realidade, as **Pedras de Minas** que o poeta guardou em si como alguém que as recolhesse no leito dos rios da infância, nos oceanos infindáveis da ternura humana, nos mapas azuis da pátria distante, uma grande coleção de sigilosos guardados.

Por saber que "para a poesia não tem vacina" (contágio), que "as palavras/ são pedras estranhas" (**Pedras**), que "um homem tem os olhos floridos" e que "o amor/ é mais que sentimento", o poeta Wilson Pereira é "tal e qual/ meio pedra/ meio pau/ meio ar/ meio ave", mas sobretudo "arve e mineiral". Só um autor possuidor de tal tesouro criaria em seu cural de sonhos estes belíssimos bois azuis.

As Pedras de Minas, que agora o poeta Wilson Pereira nos doa, tornam-nos mais ricos, mais sonhadores, mais infantes e mais seguros, conseqüentemente, de que se o mundo continua difícil, torna-se às vezes amável, e de que a vida, apesar da aridez, pode também cantar. Basta-nos somente saber — de vez em quando — virar meninos ou virar garimpeiros.

■ Agenor Gonzaga dos Santos é poeta, cronista, ensaísta e professor de literatura brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas-MG.



Fernando Naves — PP

Cultura do DF, um Processo em Formação

Fala-se de cultura como se esta fosse apenas o conjunto de manifestações artísticas de um povo ou grupo determinados. "Mestre Aurélio" define este termo como "complexo de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade". Exige-se, então, a existência de fato de uma sociedade organizada que pressupõe a presença do ser como cidadão. Chegamos à cidadania e, à dignidade que é matriz determinante da

definição do termo Cultura. Granjear meios que permitam a aproximação do Homem-social do cidadão, é criar ambiente adequado para o fortalecimento do processo cultural. Neste aspecto, privilegiados por assistir à concretização de uma sociedade de fato, em pouco mais de 30 anos percebemos que a velocidade da evolução não está ligada à qualidade do resultado. Uma cultura própria e nova, fruto aprimorado da contribuição do cadinho de origens de nossa população se consolida na medida

em que os itens concernentes à dignidade da pessoa humana vão sendo completados. Cada governo será lembrado pela maneira em que contribuiu para o aprimoramento da sociedade, e certamente teremos um papel destacado na medida que o Parlamento local, norteou as instituições através da Lei Orgânica do DF, alcançando degraus mais altos na escada das necessidades da organização social, base do perfeito desenvolvimento do processo cultural.